



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero,  
feminismos, raça/etnia, sexualidades**

**Sub-eixo: Relações Patriarcais de gênero, sexualidade, raça e etnia**

**O SUICÍDIO COMO QUESTÃO SOCIAL: OPRESSÃO DE GÊNERO E VISIBILIDADE COMO  
PROBLEMA DE SAÚDE PÚBLICA NA CIDADE DE MANAUS/AM.**

**ARIADNA NUNES AGUIAR BATALHA<sup>1</sup>**

**LIDIANY DE LIMA CAVALCANTE<sup>2</sup>**

## **RESUMO**

O Serviço Social tem como matéria-prima de seu trabalho a Questão Social e suas múltiplas expressões (Iamamoto, 2008). Como especialização do trabalho coletivo, busca soluções à pluralidade de questões que lhes são colocadas, inclusive, acerca do suicídio. Tendo em vista que a saúde mental é considerada pela OMS (ONU, 2016) como um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e que necessariamente esse bem-estar significa o indivíduo está ciente de suas próprias habilidades, conseguiu lidar com as tensões normais da vida, trabalhar de forma produtiva, além de ser capaz de fazer contribuições à sua comunidade. Em oposição a essa completude, ocorre no mundo o suicídio, fenômeno social, considerado um problema de saúde mental, bastante complexo, multifatorial e um grave problema de saúde pública. Apesar de sua incidência ser maior em homens, as tentativas de suicídio são mais presentes em mulheres, pois como desvela os dados dos anos de 2017 a 2021, segundo o Sistema de Informação de Agravos de Notificação, registra-se 2.538 lesões no estado do Amazonas, (Sinan). São 1.454 do sexo feminino e 1.084 do masculino, apontando que tais incidências predominam no gênero feminino. Logo, este trabalho é resultado de parte de pesquisa de mestrado (2021) em que se estudou a opressão feminina e saúde mental na sociabilidade capitalista: o suicídio como questão Social em Manaus, nos anos de 2017 a 2021, tendo como lócus de pesquisa o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), disponível através do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DataSus). Assim, infere-se que esta sociabilidade capitalista tem oprimido a mulher, por conta do modo de operar dessa sociabilidade, dado à construção de uma ordem social, histórica e

<sup>1</sup> Hospital Universitário Getúlio Vargas

<sup>2</sup> Universidade Federal do Amazonas



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

cultural que encontra suas bases no sistema patriarcal, pautadas num modelo hetero-patriarcal-racista-capitalista, o que tem possibilitado o suicídio, de forma particular nas mulheres e corpos femininos. Para além, somente com a supressão desta sociabilidade é possível construirmos uma outra, por meio da qual o ser humano possa ser visto como tal.

**Palavras-chaves:** Questão Social, Gênero, Suicídio e Saúde Mental

## RESUMEN

La materia prima de su trabajo del Trabajo Social es la Cuestión Social y sus múltiples expresiones (Iamamoto, 2008). Como especialización del trabajo colectivo, busca soluciones a la pluralidad de cuestiones que se les plantean, incluido el suicidio. Considerando que la salud mental es considerada por la OMS (ONU, 2016) como un estado de completo bienestar físico, mental y social, y que este bienestar implica necesariamente que el individuo sea consciente de sus propias capacidades, puede abordar con el estrés normal de la vida, trabajando productivamente, además de poder hacer contribuciones a su comunidad. En contraposición a esta completud, el suicidio ocurre en todo el mundo, un fenómeno social, considerado un problema de salud mental, bastante complejo, multifactorial y un grave problema de salud pública. Aunque su incidencia es mayor en hombres, los intentos de suicidio son más comunes en mujeres, como lo revelan datos de 2017 a 2021, según el Sistema de Información de Enfermedades de Notificación, se registran 2.538 lesiones en el estado de Amazonas, (Sinan). Hay 1.454 mujeres y 1.084 hombres, lo que indica que estas incidencias predominan en las mujeres. Por tanto, este trabajo es resultado de parte de una investigación de maestría (2021) en la que se estudió la opresión femenina y la salud mental en la sociabilidad capitalista: el suicidio como cuestión social en Manaus, de 2017 a 2021, siendo el locus de investigación el Notificable. Sistema de Información de Enfermedades (Sinan), disponible a través del Departamento de TI del Sistema Único de Salud de Brasil (DataSus). Así, se infiere que esta sociabilidad capitalista ha oprimido a las mujeres, debido a la forma en que opera dicha sociabilidad, dada la construcción de un orden social, histórico y cultural que encuentra sus bases en el sistema patriarcal, basado en un modelo heteropatriarcal-racista-capitalista, que ha hecho posible el suicidio, particularmente en las mujeres y en los cuerpos femininos. Además, sólo suprimiendo esta sociabilidad es posible construir otra a través de la cual el ser humano pueda ser visto como tal.

**Palabras clave:** Cuestiones sociales, género, suicidio y salud mental.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

## 1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista que o Serviço Social tem como matéria-prima de seu trabalho a Questão Social e suas múltiplas expressões (Iamamoto, 2008) e figura como especialização do trabalho coletivo. Essa profissão busca soluções à pluralidade de questões que lhes são colocadas, inclusive as tentativas de suicídio em mulheres, ampliada exponencialmente na sociabilidade burguesa, marcada pela contradição entre capital e trabalho.

Dessa forma, este trabalho é resultado de parte de pesquisa de mestrado (2021) em que se estudou a opressão feminina e saúde mental na sociabilidade capitalista: o suicídio como questão Social em Manaus, nos anos de 2017 a 2021, tendo como lócus de pesquisa o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), disponível através do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde do Brasil (DataSus). Assim, a pesquisa no banco de dados no Sinan se deu da seguinte forma: foi utilizada a variável constante lesão autoprovocada (conforme a 10ª Classificação Internacional de Doenças -CID 10-lesões autoprovocadas intencionalmente).

Assim, este trabalho se apresenta com a seguinte estrutura: introdução, duas seções, em que a primeira seção é intitulada VIDA E MORTE DO FEMININO: o suicídio como questão social, em que discute o conceito de Questão Social e do suicídio como um fenômeno mundial, multifatorial e decorrente das contradições próprias do sistema capitalista, logo, como uma das expressões da Questão Social e na segunda OPRESSIONÃO FEMININA E SAÚDE MENTAL: o suicídio como problema de saúde pública na cidade de Manaus/AM, onde se mostra como a cidade Manaus apresenta alto índice de tentativas de suicídio em mulheres, o que vai ao encontro dos dados nacional e estadual (Amazonas), relacionando com a opressão vivenciada pelas mulheres nesta sociabilidade capitalista, enfatizando o nó: gênero, raça e classe que aprofundam a opressão/exploração dessas mulheres e desencadeiam o suicídio, além das considerações finais e referências.

## 2. VIDA E MORTE DO FEMININO: o suicídio como questão social

O Serviço Social tem como matéria-prima de seu trabalho a Questão Social e suas múltiplas expressões (Iamamoto, 2008). Como especialização do trabalho coletivo, busca soluções à pluralidade de questões que lhes são colocadas, inclusive, acerca do suicídio.

Para Iamamoto (2013, p.27) a “Questão Social é o conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura [...]”, “desigualdade que remonta o processo de formação sócio-histórica do país, onde o moderno se constrói por meio do arcaico” (IBID, p. 37),



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

onde coexistem o velho e o novo, radicalizando ambos. Também Ianni (1989, p. 10) nos possibilita pensar que “a mesma sociedade que fabrica a prosperidade econômica, fabrica as desigualdades que constituem a questão social”. Assim, urge identificar as expressões da questão social em suas particularidades no país e identificar os processos que as reproduzem (Iamamoto, 2013).

Por sua vez, Netto (2009, p. 157) destaca que essa “questão social” é própria do capitalismo, à medida que:

O desenvolvimento capitalista produz, compulsoriamente, a “questão social” – diferentes estágios capitalistas produzem diferentes manifestações da “questão social”; esta não é uma seqüela adjetiva ou transitória do regime do capital: sua existência e suas manifestações são indissociáveis da dinâmica específica do capital tornando potência dominante. A “questão social” é constitutiva do desenvolvimento do capitalismo. Não se suprime a primeira conservando-se a segunda (Netto, 2009, p. 157).

Na medida em que “a “questão social” [...] tem a ver, exclusivamente, com a sociabilidade erguida sob o comando do capital” (Netto, 2009, p.158), tem, por conseguinte, correspondência com a contradição das forças produtivas e com suas relações de produção – apropriação do excedente e da decisão privada de sua destinação (NETTO, 2009). O Serviço Social, por sua vez, enquanto profissão inserida na divisão sociotécnica do trabalho, tem como matéria-prima de trabalho essa Questão Social e suas variadas expressões (IAMAMOTO, 2008), na medida em que busca enfrentamentos à pluralidade de questões que lhes são colocadas. Entre estas questões estão as tentativas de suicídio em mulheres, provocadas “por uma sociedade que dá vida a esses inanimados” – a mercadoria, fim primeiro e último desse modo de produção.

Dessa forma, tem-se apresentado nesta sociabilidade burguesa, erguida sob os auspícios do capital, o suicídio, que expressa formas variadas de tirar a própria vida, independentemente de ter sido intencional e deliberadamente; também independe da forma e dos meios utilizados, da motivação e da conjuntura em que ocorre” (Brasil, 2013). É considerado bastante complexo, multifatorial e um sério problema de saúde pública (WHO, 2014), exigindo de todos, sociedade, estado e poder público, atenções voltadas para essa expressão da Questão Social, ora apresentada.

As manifestações da “questão social” são desigualdades, mas também resistências (Iamamoto, 2013), atravessam a Saúde Mental na medida em que a sua ausência provoca o suicídio, o qual se configura como o desaparecimento desse completo bem-estar físico, social e mental, (diante de um contexto de sociabilidade capitalista, nos faz inferir o seguinte



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

questionamento: é possível em algum momento da vida, desenvolver o completo bem-estar físico, social e mental, como propõe a OMS?)

Esse fenômeno ganhou grande destaque com o sociólogo clássico Émile Durkheim ao pontuar em sua obra *O suicídio: estudo de sociologia*, de 1897, que o suicídio “constitui um fato novo e sui generis, que tem a sua unidade e sua individualidade, por conseguinte sua natureza própria, e que, além do mais, essa natureza é eminentemente social” (Durkheim, 2000, p.17)

Para explicar e exemplificar a magnitude desse fenômeno, o sociológico francês enumera quatro tipos de suicídio, a saber: altruísta (excesso de integração na sociedade), egoísta (baixa integração na sociedade), fatalista (excesso de regulamentação) e anômico (baixa regulamentação social), considerando o excesso ou falta de integração ou de regulamentação social como causas sociais desse fenômeno (Durkheim, 2000).

Estudos posteriores como de Barbagli (2019) reforçam os fatores culturais (em oposição aos estruturais apontados anteriormente) sobre as diversas formas de suicídio cometidos pelos indivíduos. Para ele, esses fatores (IBID, p.16) “são patrimônios de esquemas cognitivos e sistemas de classificação, de crenças e normas, de significados e símbolos de que dispõem os homens e mulheres”. Eles variam no espaço e no tempo e nos oportunizam elementos que nos permitem ratificar que somente essas causas citadas por ambos os pensadores são insuficientes para mensurar a complexidade desse fenômeno.

Karl Marx nos traz uma grande contribuição em seu livro *Sobre o Suicídio*, escrito em 1846, cuja principal questão social acerca do suicídio reside na opressão das mulheres nas sociedades modernas. Um estudioso insólito que nos traz grandes contribuições para o estudo do suicídio em mulheres nessa obra. Na apresentação desse livro, Löwy menciona que essa obra constitui “[...] um protesto contra o patriarcado, a sujeição das mulheres – incluídas as burguesas – e a natureza opressiva da família burguesa” (Marx, 2006, p. 17). E continua afirmando que:

Ao mencionar os males econômicos do capitalismo, que explicam muitos dos suicídios – os baixos salários, o desemprego, a miséria – Peuchet ressalta as manifestações de injustiça social que não são diretamente econômicas, mas dizem respeito “a vida privada de indivíduos não proletários (Marx, 2006, p. 17).

Para ilustrar essa afirmação, em seu livro “*Sobre o Suicídio*”, Marx relata quatro histórias sobre suicídio, a primeira é de uma jovem, filha de um alfaiate, prometida em casamento para um açougueiro, que se rende à paixão na noite pré-nupcial, fugindo às regras da sociedade da época e, ao retornar a casa no dia seguinte, a jovem foi questionada pelos pais sobre seus “valores” e fora submetida a um tratamento de injúrias e difamação. Embebecida pelo sentimento de vergonha, a jovem se jogou no rio Sena, vindo a óbito por afogamento. Para o autor, esse caso



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

expressa o poder de dominação dos pais sobre a filha, na medida que a atitude da jovem foge aos padrões morais impostos pela sociedade da época (Marx, 2006) e nos remete ao contrato social e sexual da modernidade, que também é uma forma de opressão, claramente explícita, com fortes raízes do capitalismo patriarcal.

No segundo exemplo, Marx relata sobre uma jovem de Martinica, trancada em seu quarto por um marido ciumento. Acometida pelo desespero, ela é levada ao suicídio. Essa história se configura hoje como crime contra a liberdade pessoal – Cárcere Privado – previsto no artigo 148 do Código Penal (Decreto-Lei N.º 2.848, DE 7 de Dezembro de 1940, incluso pela Lei 10.446 de 2002). E o próprio Marx (2006, p. 41) ressalta “o ciumento necessita de um escravo; o ciumento pode amar, mas o amor é para ele apenas um sentimento extravagante; o ciumento é antes de tudo um proprietário privado”.

No terceiro exemplo, uma jovem órfã, abusada pelo marido de sua tia, um banqueiro parisiense, engravida e depois de procurar por um médico para uma tentativa de aborto, relatou que havia o desejo de se suicidar, mas foi aconselhada a procurá-lo antes e, 15 dias depois popularizou a notícia que ela havia cometido o suicídio por afogamento. Esse caso nos mostra a polêmica existente em torno aborto e quanto o abortamento repercute na vida da mulher, implicando, inclusive, em seqüela da sua saúde mental, física e reprodutiva.

As repercussões sociais na vida pessoal, familiar e no mundo do trabalho precisam ser analisadas e respeitadas, na medida em que o abortamento atinge mulheres jovens, em plena idade produtiva e reprodutiva, levando-as desnecessariamente à morte ou implicando seqüelas à sua saúde física, mental e reprodutiva (Brasil, 2005, p.8).

Exemplificado na sociedade atual, dois casos emblemáticos que vêm à tona na mídia televisiva, impressa e nas redes sociais (Instagram, facebook e WhatsApp) no ano de 2022 colocando em xeque o papel da mulher na sociedade contemporaneidade e mostrando a exploração sofrida e a dominação pelo “poder do macho”: em Santa Catarina, uma menina de 11 anos é estuprada e fica gestante em decorrência deste estupro e é impedida de acessar o aborto legal por uma juíza. Em São Paulo, a atriz Klara Castanho, de 21 anos, é exposta por colonistas e forçada a compartilhar sua história de gestação decorrente de estupro e sua opção pela entrega voluntária para adoção.<sup>3</sup>

Por fim, no último exemplo, Marx relata a história de um homem, que após a redução do quadro de funcionários da casa real, foi demitido de sua função e, não conseguindo se recolocar

<sup>3</sup> Extraído de <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/o-que-klara-castanho-e-a-menina-de-11-anos-de-sc-tem-a-ver-com-a-caca-as-bruxas-do-seculo-xvi/> Acesso em: 28 de junho de 2022.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

no mercado de trabalho, caiu em profunda tristeza, dando fim à própria vida, pois não podia continuar vivendo às custas de sua esposa (Marx, 2006). Esse caso ilustra o quanto o desemprego pode gerar a ausência de saúde mental, inclusive levando ao suicídio, pois

O trabalho masculino tem um duplo sentido. É caminho para a relação entre o homem e o mundo exterior à família, e também ao próprio mundo familiar. Pode-se dizer que no primeiro ele se constrói como sujeito sociopolítico, já no segundo ele se constrói como ser ontológico. Ser homem é ser moralmente responsável pelo núcleo familiar, ser seu chefe (Candido, 2009, p.90).

Consoante esses quatro casos elucidados acima, infere-se que o suicídio é transclassista, acomete ricos e pobres, contradição própria do sistema capitalista, pois “a natureza desumana da sociedade capitalista fere os indivíduos das mais diversas origens sociais” (Marx, 2006, p.18) e, ainda menciona que,

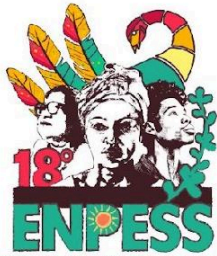
Embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramos-lo em todas as classes, tanto entre os ricos ociosos como entre os artistas e os políticos. A diversidade das suas causas parece escapar à censura uniforme e insensível dos moralistas (Marx, 2006, p.24).

Para Engels (2010) em sua obra “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”, as consequências da opressão para a classe trabalhadora, nesse período, é o aprofundamento da questão social, pois a miséria é escancarada e a alternativa que se segue é o suicídio, como forma de escapar das agruras impostas pelo capitalismo em ascensão na Inglaterra.

A miséria só permite ao operário escolher entre deixar-se morrer lentamente de fome, suicidar-se ou obter aquilo de que necessita onde encontrar – em outras palavras, roubar. [...]. Sem dúvida, há entre os operários muitos indivíduos suficientemente moralistas para, mesmo na extrema privação, não roubar; esses morrem de fome ou se suicidam. O suicídio, que no passado foi um invejável privilégio das classes altas, está atualmente na moda na Inglaterra até entre os proletários e muitos pobres diabos se matam na única alternativa que lhes resta para escapar à miséria (Engels, 2010, p.155).

Para Marx/Peuchet, “a crítica da sociedade burguesa não se pode limitar à questão da exploração econômica – por mais importante que seja. Ela deve assumir um amplo caráter social e ético, incluindo todos os seus profundos e múltiplos aspectos opressivos” (Marx, 2006, p.17), como as tentativas de suicídio em mulheres, considerando a opressão feminina que tem raça, sexo e classe, potencializada nesta sociabilidade. Defende Marx (2006, p. 23) que “O número anual dos suicídios, aquele que entre nós é tido como uma média normal e periódica deve ser considerado um sintoma da organização deficiente de nossa sociedade”. Portanto, carregada de defeitos, sob a qual emergem manifestações da Questão Social, próprias de um sistema ávido por lucro, que mercantiliza nossas relações, provocando um distanciamento da nossa real condição humana.

Ainda, o Boletim 426 do Partido Comunista Brasileiro (2017, p.01) sobre o suicídio:



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

[...] refletem a tendência de adoecimento mental geral por que passa a sociedade, esmagada pela falta de empregos, de escola e de condições dignas de vida, situação imposta pelo desenvolvimento desigual e excludente que caracteriza o capitalismo, reforçada pela crise econômica e política que se abate sobre o Brasil.

Essas análises possibilitam depreender algumas aproximações acerca do suicídio para além da manifestação do adoecimento individual, mas como uma expressão da Questão Social, oriundo do processo de “coisificação da sociedade capitalista”, em que os corpos femininos, estão expostos na sociabilidade capitalista, pois estão mais vulnerabilizadas, dada sua condição de ser mulher, agravado com o recorte de raça e classe, pois ser preta e pobre nesta sociabilidade, maior será/é o processo de exploração, deixando claramente escancarado o papel do Estado enquanto comitê executivo da burguesia (Marx; Engels, 2001), portanto, fadado a administrar somente os interesses da classe burguesa através da coerção.

### 3. OPRESSÃO FEMININA E SAÚDE MENTAL: o suicídio como problema de saúde pública na cidade de Manaus/AM.

A sociabilidade erguida pelo capital acentua, desde o seu nascedouro, a opressão da mulher, naturalizando-a, inclusive estabelecendo papéis de gênero, como comportar-se, vestir se e viver em determinados espaços e tempos determinados (LERNER, 2019). Pode-se dizer, nessa lógica capitalista, como forma de manutenção de sua estrutura de ampliação do lucro, “ele se superpõe, como o supermoderno ou o atual, ao que vinha de antes, ou seja, o “moderno”, o “antigo” e o “arcaico”, aos quais nem sempre pode destruir, e com frequência, precisa conservar” (Fernandes, 2006, p. 313).

O patriarcado, de origem remota, enquanto um sistema de dominação que subjuga/oprime mulheres, é legitimado pela desigualdade do homem sobre a mulher, afirma Delphy (2009). Presente nas sociedades contemporâneas, é calcada na violência e na dominação que, inclusive, reflete em seus aspectos objetivos e subjetivos no indivíduo em sua totalidade. Parafraseando Fernandes (2006), o sistema capitalista conserva o patriarcado (arcaico) e traz consigo o moderno em seu afã de aumentar exponencialmente seus lucros.

Destaca Saffioti, (2015, p. 33), em pleno século XXI “[...] o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual”. A partir do nó trabalhado pela autora, entre capitalismo racismo-patriarcado, em que o racismo, enquanto estrutura que subjuga uma raça/etnia, se retroalimenta da ascensão do capitalismo em expansão, pois historicamente, ser mulher preta, significou/significa a inferioridade e subalternidade ao branco.



Para Gilliam e Gilliam (1995, p. 529), a mulher negra servia para “manutenção e perpetuação da dominação patriarcal, especialmente no Ocidente”. Por isso, as imposições da dominação patriarcal trazem à tona a questão racial da mulher negra, inaugurando um período de segregações, superioridade branca e opressão a mulher negra.

Para Barroso (2018, p. 173), “o capitalismo é tido como um sistema estrutural/estruturante da opressão/exploração das mulheres, posto que é tecido por relações patriarcas-racistas-capitalistas”, vivenciadas de formas particulares, que se inter cruzam, de forma objetiva e subjetiva, nesta sociabilidade capitalista.

Entendido o suicídio como expressão da Questão Social, importa destacar que “Nos últimos 50 anos, o suicídio mundialmente sofreu um aumento em 60%, ou seja, cerca de 1 milhão de casos por ano, 3 mil casos por dia, e 1 morte a cada 40 segundos em algum lugar do mundo” (Moretto; Goerght; Silva, 2018, p.01). Entretanto, específica no Brasil, nosso país ocupa o 8º. lugar no mundo com maior incidência nos casos de suicídio. Vale destacar que as mulheres tentam muito mais o suicídio, ou seja, quatro vezes mais do que os homens.

Segundo dados do Boletim Epidemiológico, n.º 30, do ano de 2017, produzido pela Secretaria de Vigilância em Saúde do Ministério da Saúde, no período de 2011 a 2016, considerando somente a ocorrência de lesão autoprovocada, identifica-se 48.204 (27,4%) casos de tentativa de suicídio no Brasil, sendo 33.269 (69,0%) em mulheres e 14.931 (31,0%) em homens.

Nos anos de 2017 a 2021, registra-se nos 26 estados e no Distrito Federal um total de 501.389 lesões autoprovocadas. Dessas, 2.538 lesões se localizam no estado do Amazonas, segundo o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan). São 1.454 do sexo feminino e 1.084 do masculino, apontando que tais incidências predominam no gênero feminino. Dados que nos revelam a necessidade de políticas de saúde mental, com recorte de Gênero no Estado.

Percebe-se a necessidade de entender as disparidades de gênero nesses dados, posto a atualidade da Conferência realizada em Pequim a partir da Declaração adotada pela Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres: Ação para Igualdade, Desenvolvimento e Paz (1995), em que menciona em seu parágrafo 14 “Adotar todas as medidas necessárias para eliminar todas as formas de discriminação contra mulheres e meninas e remover todos os obstáculos à igualdade de gênero e aos avanços e fortalecimento das mulheres” (CNDM, 1995, online). É premente no Amazonas, em particular Manaus, a construção de alternativas para mitigar esses dados nas mulheres, tendo em conta os dados coletados no Sistema de Informação de Agravos de



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Notificação (Sinan), que segue com incidência de lesões autoprovocados no sexo feminino, com 462, em detrimento do masculino que registra 201.

Ressalta-se ainda que os suicídios de mulheres estão relacionados à violência de gênero, à depressão, à privação social, a perdas afetivas de cônjuges e filhos, ao abortamento, além das singularidades que permeiam as histórias de vidas (Meira; Dantas; Jesus, 2021, Online). Incluí-las no grupo de vulneráveis, não só se torna imperativo, como suficiente e necessário, conforme os registros apontados.

Outro levantamento instigante é a raça, de um total de 2.538 lesões autoprovocadas, segundo os dados pesquisados, os pardos sobressaem, com 1426 de lesões no estado do Amazonas e em segundo lugar 816 de indígenas. Importa destacar que, para o IBGE, o pardo faz parte de um dos cinco grupos étnicos da população brasileira, juntamente com os brancos, pretos, amarelos e indígenas, assim definido: “pardo é uma pessoa com diferentes ascendências étnicas e que são baseadas numa mistura de cores de peles entre brancos, negros e indígenas” (UNIT, 2022, online). O Estatuto de Igualdade Racial (Lei n.º 12.288, de 20 de julho de 2010) define população negra como “o conjunto de pessoas que se autodeclararam pretas e pardas, conforme o quesito cor ou raça usado pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ou que adotam autodefinição análoga” (Brasil, 2010, p.01).

Em matéria publicada pela Revista Exame (2017)<sup>4</sup>, em alusão aos dias do Caboclo (24 de junho) e do Mestiço (27 de junho), foi realizado um evento: III Feira da Cultura Cabocla nos dias 19 e 20 de junho em Manaus, com o intuito de afirmar as identidades mestiça e cabocla do povo amazonense. A Revista trouxe Helda Castro, presidente do Movimento Nação Mestiça, a qual evidenciou que 38% da população brasileira é formada por mestiços (cor parda) e no Amazonas esse percentual quase duplica, chegando a 68%. Importante ressaltar que a miscigenação tão louvada no País também foi fruto de estupros sistemáticos cometidos contra mulheres negras. Essa tentativa de romantização da miscigenação serve para escamotear a violência[...]. Por mais que todas as mulheres estejam sujeitas a esse tipo de violência, já que é sistemática, se faz importante observar o grupo que está mais suscetível a ela já que seus corpos vêm sendo desumanizados historicamente, ultrassexualizados, vistos como objeto sexual. Esses estereótipos racistas contribuem para a cultura de violência contra essas mulheres, pois elas são vistas como lascivas, “fáceis”, as que não merecem ser tratadas com respeito (Carta Capital, 2016). Fato

---

<sup>4</sup> Extraído de: <https://exame.com/colunistas/instituto-millenium/eventos-em-manauas-celebram-e-debatem-a-mesticagem-brasileira/>. Acesso em 08 de jul. de 2023.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

alusivo, menciona-se a fala do então deputado estadual paulista Arthur do Val (Podemos-SP), conhecido como “Mamãe Falei” e coordenador do *think tank* Movimento Brasil Livre (MBL), em viagem à Ucrânia para acompanhar a guerra com a Rússia, diz em áudio que mulheres ucranianas “são fáceis porque são pobres”<sup>5</sup>, o que ratifica a atualidade do preconceito e da cultura de violência contra mulheres.

Em Manaus, observa-se a ocorrência de 472 lesões autoprovocadas para os pardos e 3 indígenas, essa redução de indígenas é devido à maior concentração de indígenas em outros municípios do Estado do Amazonas, pois conforme o Ministério dos Povos Indígenas<sup>6</sup> a Região Norte é aquela que concentra o maior número de comunidades indígenas, perfazendo, 305.873 mil – aproximadamente 37,4% do total, sendo o Amazonas o estado com o maior número de indígenas, representando 55% do total, com destaque para quatro municípios do estado: São Gabriel da Cachoeira, São Paulo de Olivença, Tabatinga e Santa Isabel do Rio Negro além da cidade de São Paulo (SP).

Se, por um lado, o Plano Municipal de Saúde do quadriênio de 2018 a 2021 estabelece em 95%, o preenchimento da ficha de notificações de violência interpessoal e autoprovocada com informação válida no quesito raça/cor, o Plano Municipal de Saúde de Manaus, que envolve o quadriênio seguinte (2022-2025), objetiva ampliar em até 95,00%, até o ano de 2025, o percentual de notificações de violência interpessoal e autoprovocada com o mesmo campo (raça/cor) preenchido (Manaus, 2023). Tais campos precisam ser ocupados por informações consistentes e os gestores locais devem estar atentos às necessidades de informações fidedignas da realidade apresentada. Assim, a capacitação dos profissionais quanto ao preenchimento de fichas de notificação compulsória, como o aumento de pessoal nos serviços e a qualificação constante desses profissionais são imprescindíveis para os serviços de saúde, seja para a população atendida, como também para a criação e implementação de políticas públicas.

Em Manaus, quanto ao quesito violência financeira/econômica registra-se que no período estudado, somente 2 notificações, sendo 82 entre brancos e ignorados, quando se trata de lesões autoprovocadas. É um dado assustador, pois embora a violência seja transclassista, acometa ricos e pobres – contradição própria do sistema capitalista, pois “a natureza desumana da

<sup>5</sup>Extraído de: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/eleicoes/2022/noticia/2022/03/05/em-audios-arthur-do-val-disse-que-ucranianas-sao-faceis-porque-sao-pobres-ouca.ghtml>. Acesso em 28 de jul. de 2023.

<sup>6</sup> Extraído de: <https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/ultimo-censo-do-ibge-registrou-quase-900-mil-indigenas-no-pais-dados-serao-atualizados-em-2022>. Acesso em 08 de jul. de 2023.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

sociedade capitalista fere os indivíduos das mais diversas origens sociais” (Marx, 2006, p.18) - esses dados merecem ser revisitados. Conforme Aguiar (2023, p. 84):

A subnotificação de dados sobre o fenômeno também é uma realidade que deve ser encarada. Ainda que em nosso país a notificação sobre suicídio seja de caráter compulsório, as dificuldades de identificar, investigar e notificar estes casos não são, nem de longe, irrelevantes.

Destaca-se o Boletim Epidemiológico do ano de 2021, o qual ratifica a estigmatização e a subnotificação, em consonância com Aguiar (2023):

É importante pontuar, ainda, que o suicídio e as autoagressões são eventos estigmatizados e subnotificados. O estigma em relação ao tema do suicídio e da saúde mental como um todo frequentemente impede a procura por ajuda, que poderia evitar mortes. Ressalta-se que falar de forma responsável sobre o fenômeno do suicídio opera muito mais como um fator de prevenção do que como fator de risco, podendo, inclusive, contribuir para a ruptura do estigma que cerca o fenômeno. Assim, falar sobre o tema sem alarmismo e enfrentando os estigmas, bem como conscientizar e estimular sua prevenção, pode contribuir para o enfrentamento do problema de saúde pública representado pelos suicídios (Brasil, 2021, p. 8).

Segundo dados do IBGE, em 2021, o salário médio mensal dos trabalhadores formais era de 3 salários-mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 23.7%. Considerando os rendimentos mensais de até meio salário-mínimo por pessoa, apresentava 37.9% da população, no ranking de 62 de 62 dentre as cidades do estado do Amazonas e na posição 3021 de 5570 dentre as cidades do Brasil. Outro dado que merece destaque é a escolaridade, pois o nível de escolaridade baixo, conforme o quadro abaixo, também denota aumento de casos de lesões autoprovocadas, mostrando que em Manaus: Ensino Fundamental Incompleto (5ª a 8ª série) registra 96 casos; em segundo lugar, o Ensino Médio Incompleto com 87 casos. Em acréscimo, o número exorbitante de ignorados e brancos, 305 casos, nos fazem questionar, onde estariam incluídos esses vertiginosos números. Entretanto, tais dados nos fazem inferir que quanto menor a escolaridade, mais propensos ao acometimento do suicídio.

Os dados reforçam a necessidade declarada em Pequim, em seu parágrafo 27 de: “promover um desenvolvimento sustentado centrado na pessoa, incluindo o crescimento econômico sustentado através da educação básica, educação durante toda a vida, alfabetização e capacitação e atenção primária à saúde das meninas e das mulheres” (CNDM, 1995, online)

Esses dados apresentados reafirmam a imprescindibilidade de políticas de combate ao suicídio, com enfoque no gênero de forma intersetorial, com políticas e programas que busquem o fortalecimento das mulheres, incluindo-as na discussão, elaboração e implementação, para que a devida promoção em saúde mental atenda suas necessidades prementes.

A declaração de Pequim, em seu parágrafo 19 traz à tona a necessidade premente de: é indispensável formular, implementar e monitorar, com a plena participação das mulheres, políticas e programas efetivos, eficientes e reforçadores do enfoque de gênero, incluindo políticas de desenvolvimento e programas que em todos os níveis busquem o fortalecimento e o avanço das mulheres (CNDM, 1995, online).

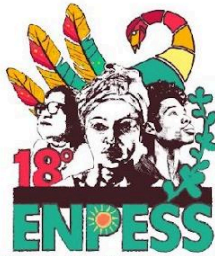
Percebe-se que quando o gênero e raça se cruzam, ainda permanece a maior incidência nas mulheres negras (pardas e pretas), pois Manaus registra 333 casos em mulheres negras (pretas e pardas), de um total de 633, sendo que os ignorados e brancos totalizam 80 casos. Ratifica-se que mulheres negras, além de serem historicamente excluídas, são as maiores vítimas do suicídio, fruto desta sociedade de classes, que normaliza as barbáries, estruturadas no racismo e no patriarcado que perdura no tempo e nos espaços de nossas vivências cotidianas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho mostrou que a opressão feminina é fruto do patriarcado, de origem remota e permeia a sociedade até hoje, acrescidos de gênero, raça e classe, o que nos permitiu depreender que esse nó, quando entrelaçados na sociabilidade capitalista, aumentam significativamente o suicídio.

A partir dos dados coletados no SINAN, nos anos de 2017 a 2021, registra-se que nos 26 estados e no Distrito Federal houve um total de 501.389 lesões autoprovocadas, dos quais 2.538 dessas lesões se localizam no estado do Amazonas, segundo o Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan), sendo 1.454 do sexo feminino e 1.084 do masculino. Tais números apontam que as incidências predominam no gênero feminino e nos revelam a necessidade de políticas de saúde mental, com recorte de Gênero no Estado. À luz da Conferência realizada em Pequim, a partir da Declaração adotada pela Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres, 107 Ação para Igualdade, Desenvolvimento e Paz (1995), faz-se necessário “Adotar todas as medidas necessárias para eliminar todas as formas de discriminação contra mulheres e meninas e remover todos os obstáculos à igualdade de gênero e aos avanços e fortalecimento das mulheres” (CNDM, 1995, online).

Inseridos numa sociabilidade capitalista, tais dados nos apontam que o sofrimento psíquico causado pelo patriarcado, pela relação de exploração de classe e pelo racismo aumentam exponencialmente tal sofrimento, ensejando a violência autoprovocada, pois o projeto capitalista de vida não permite a continuidade de nossa vida, mas sim, a nossa degradação lenta e projetada para nosso fim.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Ainda, conforme foi mostrado, para Barroso (2018, p. 173), “o capitalismo é tido como um sistema estrutural/estruturante da opressão/exploração das mulheres, posto que é tecido por relações patriarcas-racistas-capitalistas”, vivenciadas de formas particulares, que se inter cruzam, de forma objetiva e subjetiva nesta sociabilidade capitalista.

Portanto, a sociabilidade capitalista, cujo projeto de vida é incompatível com nossas necessidades humanas, provoca sofrimento psíquico. Muitas vezes, como apontado neste estudo, leva à violência autoprovocada em mulheres, o que nos permite inferir que esses dados, mesmo subnotificados, demonstram a urgência no combate ao suicídio em mulheres. Mas como fazê-lo nessa lógica capitalista ultraconservadora e liberal?

## 5. REFERÊNCIAS

AGUIAR, Laurem Janine Pereira de. O NÓ DA NOSSA SOLIDÃO: uma análise sobre suicídio no Brasil. 2023. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

BARBAGLI, Marzio. O suicídio no Ocidente e no Oriente. Tradução de Frederico Carotti. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019.

BARROSO, Milena Fernandes. O começo do fim do mundo: violência estrutural contra mulheres no contexto da hidrelétrica de Belo Monte. - 2018.385f

BRASIL. Atenção Humanizada ao Abortamento: norma técnica/Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas – Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

\_\_\_\_\_. Atlas da Violência 2021 / Daniel Cerqueira et al., — São Paulo: FBSP, 2021.

\_\_\_\_\_. Conselho Federal de Psicologia. O Suicídio e os Desafios para a Psicologia - Brasília: CFP, 2013.

\_\_\_\_\_. Decreto-Lei Nº 2.848, DE 7 DE DEZEMBRO DE 1940. Extraído de:<  
[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del2848compilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848compilado.htm)> Acesso em: 25 de jun. de 2022.

\_\_\_\_\_. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 10.778, de 24 de novembro de 2003. Extraído de:<  
[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm)> Acesso em: 09 de jul de 2023.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Boletim Epidemiológico nº 30. Suicídio. Brasília/DF, 2017 Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/wp-content/uploads/2021/03/2017025PerfilepidemiologicodastentativaseobitosporsuicidionoBrasilearededeatenaosade.pdf>. Acesso em: 18 de jun. de 2023. 112



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

CANDIDO, Paulo Rogério. O Trabalho faz o Homem e o Enobrece: Reflexões sobre a Construção da Identidade Masculina entre Homens Pobres. In: SINAIS – Revista Eletrônica - Ciências Sociais. Vitória: CCHN, UFES, Edição n.05, v.1, Set. 2009. pp.84-103.

CARTA CAPITAL. Cultura do estupro: o que a miscigenação tem a ver com isso? 2016. Extraído Acesso em: 09 de jul. de 2023.

CNDM. Declaração de Pequim adotada pela Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres: Ação para Igualdade, Desenvolvimento e Paz (1995). Disponível em: <Declaração de Pequim adotada pela Quarta Conferência Mundial sobre as Mulheres: Ação para Igualdade, Desenvolvimento e Paz (19 (mpma.mp.br))>. Acesso em: 29 de jul. 2024.

DELPHY, Christine. Patriarcado. In: HIRATA, Helena et al. (Orgs). Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora da UNESP, 2009.

DURKHEIM, E., 1982. O suicídio – um estudo sociológico. São Paulo, Martins Fontes, 2000.

ENGELS, Friedrich, 1820-1895. A situação da classe trabalhadora na Inglaterra; tradução B. A. Schumann; supervisão, apresentação e notas José Paulo Netto. - [Edição revista]. - São Paulo: Boitempo, 2010. 388p.: il. - (Mundo do trabalho; Coleção Marx-Engels).

FERNANDES, F. A revolução burguesa no Brasil: ensaios de interpretação sociológica. 5° ed., Rio de Janeiro: Globo, 2006.

GILLIAM, A. e GILLIAM, O. Negociando a subjetividade de mulata no Brasil. Revista Estudos Feministas. v. 3, n. 2. Rio de Janeiro: UFRJ, jul/dez, 1995.

História e Cultura Afro-Brasileira resgata raízes africanas e indígenas. <https://portal.unit.br/>, 2021. Disponível em: <https://portal.unit.br/blog/noticias/historia-e-cultura-afro-brasileira-resgata-raizes-africanas-e-indigenas/>. Acesso em: 08 de julho de 2023.

IAMAMOTO, Marilda Villela. O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional. – 24. ed. – São Paulo, Cortez, 2013.

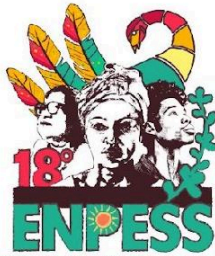
\_\_\_\_\_. Serviço social em tempo de capital fetiche.: capital financeiro, trabalho e questão social. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

IANNI, Octávio. A Questão Social. Revista USP, n. 3, 1989. Disponível em: Acesso em: 30 jun. 2021.

IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira / IBGE, Coordenação de População e Indicadores Sociais. - Rio de Janeiro: IBGE, 2021.

LERNER, Gerda, 1920-2013. A criação do patriarcado: história da opressão das mulheres pelos homens / Gerda Lerner; tradução Luiza Sellera. – São Paulo: Cultrix, 2019.

MANAUS. LEI Nº 2434, DE 10 DE MAIO DE 2019. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/am/m/manaus/lei-ordinaria/2019/244/2434/lei-ordinaria-n-2434-2019-dispoe-sobre-a-inclusao-no-calendario-oficial-da-cidade-de-manaus-do-mes-de>



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

prevencao-ao-suicidio-e-de-valorizacao-da-vida-denominado-setembro-amarelo> Acesso em: 07 de abr. de 2023.

\_\_\_\_\_. Sobre o suicídio / Karl Marx; tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. - São Paulo: Boitempo, 2006.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista, 1848. Tradução de Sueli Tomazzini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001.

MEIRA, Karina Cardos; DANTAS, Eder Samuel Oliveira; JESUS, Jordana Cristina de. Suicídio: questão de gênero. Disponível em: <  
<https://demografiufrn.net/2021/03/22/suicidio-uma-questao-de-genero/>> Acesso em: 08 de jul de 2023.

MORETTO; GOERGHT; SILVA. Suicídio de mulheres: a (in)visibilidade da violência doméstica como causa da morte auto-inflingida. In: Anais do Congresso Internacional de Direito Público dos Direitos Humanos e Políticas de Igualdade. v. 1, n. 1 (2018). Anais eletrônicos. Disponível em: Acesso em: 6 de nov. 2020

NETTO, José Paulo. Capitalismo Monopolista e Serviço Social. 7ª.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PCB. Partido Comunista Brasileiro. Suicídio cresce no Brasil. Olhar Comunista Nº 426, 01/10/2017.Disponível em:. Acessado em: 08 agost. 2021.

SAFFIOTI, H. Gênero, patriarcado, violência. 2ª ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Preventing suicide: a global imperative. Geneva: WHO, 2014.